

DE PARIS

MURGER, se hoje voltasse não encontraria talvez inspiração bastante para escrever as Scenas da Vida de Bohemia. Paris mudou tanto! Hoje o que resta d'essa epoca refugiou-se lá em cima, na Butte (fugindo pouco e pouco diante do cosmopolitismo), ao redor do Sacré Coeur, a magestosa basilica que nos crepusculos plumbeos de Paris, dominando a Cidade Enorme, lembra em toda a sua brancura de pedra, uma visão fantastica do Oriente.

Ali, na Butte, Place do Tertre, em todas aquelas vielas estreitas onde se abrem baiucas velhas mas prazenteiras, floridas de aguarelas e aguasfortes, por onde circulam "rapins" de largo chapéu desabado e cabelos compridos, de aspecto romantico, se encontra ainda a atmosfera d'esse tempo evocado pelas paginas de Murger, d'esse tempo que nós os novos, apenas conhecemos pela literatura da epoca.

Quem nas tardes de verão abalar da cidade baixa e subir até lá cima onde os carros electricos e os autobus não podem ir, onde não existem calhas nem candieiros de grande voltagem, encontrer-se-ha n'uma outra vida, n'um outro aspecto, n'um Paris desconhecido, n'um Paris muito preso ao passado...

A Babilonia moderna, buliçosa, prenhe de futuro, apenas se revela por um ruído apagado e distante como se fosse longe. A Butte é como que a ultima praça forte no passado, onde o Presente nivelador e despotico ainda não conseguiu chegar.

A gente é outra. As ruas mal calçetadas, estreitas, onde por vezes cresce um pouquinho de relva á beira dos passeios, os predios pequenos e antigos, entre os quaes um ou outro moinho onde antes se moia o pão de Paris, as lojas de bric-à-brac cheias da produção local dos pintores, o largo do Tertre de arvores velhas por entre as quaes se espalham as mezas da "*Mère Catherine, maison fondée en 1793*" restaurante conhecido de muitas gerações, mezas sobre as quaes um candieiro de petroleo com o *abt jour* vermelho põe uma nota de intimidade deliciosa, tudo nos ajuda a crear o ambiente, tudo ergue o passado. Para nós o passado é já Murger e outro, todos o que eles escreveram e viram. O passado para nós é ha poucos annos, é antes da guerra, é n'esse tempo que se vivia devagar. Hoje a vida acelera-se, bate todos os records, precipita-se. A Butte todavia continua ainda apesar da onda do modernismo cuja curiosidade se ergue até lá a evocar essa mocidade romantica e bohemia das Mimis e das Francines. A Butte é a parte intacta da cidade; em baixo o Paris novo estende-se com os seus boulevards como um imenso polvo, com os seus tentaculos derruindo tudo o que não tenha sido traçado a compasso.

Ainda se veem por ali Musettes e Mimis d'esse tempo, artistas, companheiras de artistas e que hoje, circulando por entre as mezas, olhos alegres, cabelos ao vento, vendem aguarelas e tiram croquis das figuras imberbes dos inglezes e das magras americanas com a graça e o á vontade de quem se encontra em sua propria casa. Porem, agora Mimi corta os cabelos *à la garçonnet* e veste saia muito curta. Na boca rubra de sangue que ela tinha e rubra de cosmetico que ela tem, dourada de sorrisos d'esse tempo e onde brilha hoje uma fina boquilha de galalite, não canta o francez musical e romantico de então, mas sim o argot *montmartrois* de hoje, cheio de expressões de alem mar...

A Butte é um canto delicioso de Paris. Olhar na penumbra que baixa a Cidade que se estende a perder de vista, é ver melhor o presente rico de futuro.

A REVISTA

Olhar perto de hontem o esforço prodigioso da nossa geração que escreve a sua historia com letras de luz.

Paris, capital do genio latino, cidade maxima do nosso pensamento, creuset onde se fundem e amoldam os grandes gestos do futuro, estende-se como um mar de casas até á linha do horizonte. Paris é uma cidade que não dorme, é a chama continua da raça latina como aquela que arde sob o Arco do Triunfo.

A olhar a Butte ergue-se em nós esse passado gentil de Bohemia... Teriam sido os nossos avós mais felizes do que nós o somos na nossa epoca?...

Decerto. Não conheciam as maravilhas que nós conhecemos, não viviam os contos de fadas que hoje vivemos quasi sem dar por isso, mas que deliciosa mocidade tinham, que vida gentil viviam devagar, devagar como quem saboreia um licor delicioso... Nós bebemos na taça o champagne espumante da hora a grandes goles, sofregos, depressa, mas por isso mesmo talvez que como eles não apreciamos todo o sabor da vida... Não temos tempo...

...Viam a vida com luz de petroleo...

...Em baixo, ao lado do Champ de Mars, uma serpente de fogo ergue-se para o ceu desenrolando os enormes aneis, envolta em estrelas e fica brilhando, cambiando de tons, realizando novas formas, transformando-se em rendilhados desenhados na sombra, fixando-se por fim em letras de luz sobrepostas... Reclamo colossal da actividade do nosso tempo. Citroën anuncia de alto abaixo da Torre Eiffel.

...O presente na sua feerica realidade ante a doce lenda do passado...

Caetano Campo.